

Algumas Considerações Psicanalíticas Sobre a Violência

*Augusta Gerchmann**

*Heloísa Helena Poester Fetter***

*Ivan Sergio Cunha Fetter****

Embora a psicanálise tenha nascido envolvida no manto da sexualidade, logo o seu olhar voltou-se para os aspectos agressivos do ser humano, tornando-se este um foco importante de investigação. Atualmente, a expressão agressiva é uma das grandes preocupações dos psicanalistas, tanto do ponto de vista de entender as suas motivações como da sua abordagem técnica.

De todas as tendências humanas, a agressividade pode estar escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos, e quando se manifesta sempre é uma tarefa difícil identificar suas origens. Pode ser observada de vários vértices – psíquico, social, biológico – e, certamente, trata-se de um assunto muito amplo. Nessas questões, faremos uma ponte entre as várias correntes teóricas e uma breve discussão sobre como a violência se expressa na cultura atual.

Aspectos Teóricos

Podemos usar como ponto de partida a teoria dualista das pulsões. Freud (1920), no artigo “Além do princípio do

* Membro Titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

** Membro Titular em Função Didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

*** Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

prazer”, com a descoberta de que havia sonhos nos quais o aparelho psíquico trabalhava não só em função do desejo, mas também para repetir algo doloroso, traumático, anuncia a sua teoria da pulsão de morte. Explica essa compulsão à repetição devido a uma tendência do indivíduo à morte. Descobre que a dor pode ser mais forte do que o desejo. Então, existe uma compulsão a repetir a serviço do instinto de vida e outra que tem de ver com o instinto de morte.

A esse respeito, André Green (2001), ao referir-se ao caráter repetitivo da pulsão, diz que o mesmo é sublimatório e, ao mesmo tempo, tende à descarga. Segundo ele, existe uma compulsão à repetição que tem a ver com a possibilidade de transformação, de mudança e, portanto, com o crescimento, e outra compulsão à repetição que tende a um impulso ato/soma por não estar ligada a uma representação. Todo o problema da delinquência perversa que é ligada a alguma situação de prazer move-se em função do ato.

Seguindo a teoria dualista de Freud, ampliada para o entendimento das relações objetais, Melanie Klein (1969) voltou-se para os aspectos agressivos que se manifestam na relação, real ou imaginada, do bebê com a mãe. É a situação que predomina nas ansiedades persecutórias, tão bem descritas por ela, nas quais a agressão é um sintoma do medo de ser atacado por um objeto parcial porque resultante de uma confusão entre a realidade e a imaginação, não podendo ser pensado como inteiro. É somente na posição depressiva que a criança desenvolve a sua capacidade de simbolizar e de ser criativa, o que vai atenuar intensamente os impulsos agressivos.

Para Winnicott (1995, p. 93):

[...] quando as forças cruéis ou destrutivas ameaçam dominar as forças de amor, o indivíduo tem de fazer alguma coisa para salvar-se, e uma das coisas que ele faz é pôr para fora o seu íntimo, dramatizar exteriormente o mundo interior, representar ele próprio o papel destrutivo e provocar seu controle por uma autoridade externa. O controle pode ser estabelecido desse modo, na fantasia dramatizada, sem sufocação séria dos instintos, ao passo que o controle interno necessitaria ser geral-

mente aplicado e resultaria num estado de coisas conhecido clinicamente como depressão.

Então, se a destruição interna for incontrolável, existem dois caminhos: negar a qualidade das fantasias destrutivas ou então dramatizá-las. Nesse sentido, podemos ver que a dramatização ou exteriorização da violência interna muitas vezes é a única saída possível para a sobrevivência de um indivíduo, livrando-o do suicídio.

Peter Fonagy (2001) chama de “equivalência psíquica” a uma correspondência exata entre estado interno e realidade externa que ocorre inicialmente na mente das crianças. Enfatiza que, para a criança pequena, eventos mentais são equivalentes, em termos de poder, causalidade e implicações, a acontecimentos no mundo físico. A criança pequena irá equacionar aparência com realidade, mas também pensamentos e sentimentos distorcidos pela fantasia serão projetados na realidade externa, não modulados por qualquer conscientização dessa distorção. Sugere que a emergência da mentalização está profundamente contida nos relacionamentos objetivos primários da criança, principalmente na relação especular com o cuidador. Somente gradualmente percebe que tem sentimentos e pensamentos, e lentamente se torna apta a distingui-los. Isso acontece principalmente por intermédio do aprendizado de que suas experiências internas estão no seu sentido, referidas pelos pais através de suas expressões e de outras respostas. A experiência do afeto é o embrião a partir do qual, finalmente, a sua mentalização pode crescer, mas somente no contexto de pelo menos um relacionamento afetivo seguro e contínuo.

De certa forma, essas questões teóricas apenas mostram como o ser humano está sempre no limite entre desenvolver uma mente em que se formam representações psíquicas, com a conseqüente capacidade para pensar e simbolizar, ou ter uma mente deficiente nessa função, não podendo conter a demanda de impulsos e estímulos sensoriais. No último caso, ocorre uma variedade de formas de ações não pensadas, em que se incluem basicamente as manifestações agressivas com repercussão no próprio cor-

po (doenças psicossomáticas) ou nos relacionamentos (perversões, sociopatias).

Aqui podemos incluir a teoria do pensamento de Bion (1988). Para ele, o pensamento desenvolvido tem essa função: pôr ordem no caos, organizar o que não tem forma. A função mental, que Bion chama de função alfa, é a de transformar o que não tem representação, as percepções em estado bruto, em algo possível de pensar. O que não tem forma, em termos mentais, são as emoções que não têm representação mental e a que Bion chamou de elementos beta.

Para nós, psicanalistas, é na sala de análise que podemos observar e tentar detalhar o desenvolvimento mental, desde percepções iniciais em estado bruto até a formação de uma complexa rede de representações que vão formar o pensamento simbólico e permitir a comunicação através da linguagem verbal.

Sabemos que nenhuma mente se desenvolve sem o auxílio de outra e que esse processo de amadurecimento dura muito tempo.

Quando as coisas correm bem (desenvolvimento normal), predomina uma ordem interna necessária para que a vida possa encontrar uma estabilidade, para que se possa desenvolver o processo de pensamento com toda a capacidade de simbolizar.

Tomando como modelo a relação mãe-bebê, é fundamental para o desenvolvimento do bebê que a mente da mãe não sature a mente do bebê com um excesso de estímulos. Se assim o for, isso prejudicará a formação de um espaço mental com suas representações. A formação de representações mentais depende de uma privação necessária de estímulos sensoriais.

Quando há um desenvolvimento deficitário, os estímulos não transformados em representações mentais podem ser evacuados em termos de ações, convertidos em violência manifesta ou não-manifesta. Quando não-manifesta, criam-se situações de intensa inibição. São aquelas pessoas apáticas, sujeitas a sofrerem as mais variadas formas de violência, ou então inibidas na sua curiosidade, passando, muitas vezes, por deficientes.

Isso pode ser ilustrado com um personagem do filme *Sempre Ami-*

gos¹, dirigido por Peter Chelsom. É a história de Max, um menino de corpo avantajado, inibido intelectualmente, alvo constante da agressão de colegas e incapaz de mostrar qualquer reação. Mora com os avós desde que testemunhou o assassinato de sua mãe pelo pai. Max conhece um menino vizinho, Kevin, portador de uma grave doença física, mas dono de uma mente brilhante e capaz de enfrentar qualquer tipo de humilhação. A relação que se desenvolve entre eles, no início com muita resistência por parte de Max, evolui para uma grande amizade. Aos poucos, Kevin, com sua mente, ajuda Max a desenvolver a sua capacidade de pensar. Para isso, ele utiliza um livro sobre a lenda do rei Arthur, estimulando que Max leia o texto, mas, principalmente, que feche os olhos e, sem estímulos sensoriais, possa criar os personagens com a sua imaginação. Também lhe dá um livro em branco, oferecendo-lhe espaço para ser preenchido por palavras-imagens.

Podemos usar essa história como uma metáfora de várias situações: sobre o desenvolvimento das representações mentais, da técnica psicanalítica atual e, especialmente, de como se desenvolve o pensamento. A violência em Max, na sua percepção de uma cena primária destrutiva, era de tal monta que ele ficou totalmente incapacitado de pensar e de reagir agressivamente. Kevin, como uma mãe (ou um analista), funcionou como o outro que pôde pensar o que Max não podia. Durante uma boa parte do filme, Max leva Kevin nas costas: um corpo carregando uma cabeça pensante. Quando o processo de pensamento se desencadeia, Kevin pode morrer e Max suportar a dor da perda, passando a escrever nas páginas em branco, assumindo a sua função alfa, como diria Bion.

Relacionando o desenvolvimento mental com a função materna (ou a função analítica), constatamos que a presença do “outro” (Kevin, mãe, analista) é, necessariamente, transitória, suficiente para o desencadeamento do processo de pensar.

¹ (The Mighty, 1998).

Cultura Atual e Violência

Gostaríamos de fazer uma ligação entre o problema das representações e a violência que aparece no tipo de sociedade em que vivemos. Existe a violência manifesta, a que todos estamos sujeitos, mas também há um tipo de violência mais sutil, mas nem por isso menos destrutiva: o bombardeamento de estímulos sensoriais vai contra a formação da subjetividade no indivíduo e impede o desenvolvimento de uma vida onírica mais rica. Como já havíamos mencionado, para se criar um mundo de representações, é preciso haver privação sensorial, em certa medida.

Estamos todos sujeitos a um excesso de estímulos visuais, auditivos, veiculados pela publicidade. Isso tem um conteúdo também agressivo, na medida em que estimula a oralidade, ao provocar desejos impossíveis de alcançar, pois ninguém pode ter tudo o que lhe é oferecido. A propaganda também é um tipo de estado mental de característica moralista ou sedutora e impede, de certa forma, o pensamento crítico, mantendo uma espécie de delírio do pensamento: “Se tiver tal coisa, estarei feliz, plenamente satisfeito”. Estimula um estado de onipotência, em que não existem necessidades. Uma das características da cultura atual é a da duplicidade: assim como expõe intensamente as necessidades orais das pessoas, também fornece uma ilusão (ou delírio) para negar essas necessidades (o consumo).

Utilizando uma metáfora musical, podemos observar, em nossa atual cultura, que, em muitas situações, o ruído predomina sobre a música, havendo a busca de sons com alto volume como um funcionamento evacuativo. Esses estímulos podem ser algo que não tem registro, algo sem significado. Do nosso ponto de vista, contudo, o excesso de ruído pode ser o significado – e é o que aparece nas chamadas patologias atuais – de intensos vazios de simbolismo.

Além disso, esse esvaziamento psíquico cria um tipo de vínculo superficial e de isolamento afetivo, uma das características da época. Ripesi (2004) descreve o paciente esquizóide, empobrecido emocionalmente, como potencialmente sujeito a explosões agressivas. Estabelece uma convivência epidérmica, superficial com o meio, em que dificilmente se movi-

menta por vontade própria, e cria uma pauta de comportamento baseada na reação a estímulos externos.

A cultura atual vai contra o processo de simbolização na medida em que fornece imagens concretas que aparentemente estão ao alcance da mão. No entanto, tudo isso é apenas uma ilusão. Como descreve Ferenczi (1992), “No início do seu desenvolvimento, uma criança estende a mão e precisa da mãe para colocar algo do seu desejo para sentir como uma conquista sua. No entanto, em algum momento, essa mesma mão vai ter de voltar vazia e, se isso for tolerado, será um aprendizado importante para a aceitação da realidade. A publicidade mantém a ilusão de que a “mão” está sempre repleta de prazeres.

Ferro (2005) diz que o ser humano pode desenvolver dois tipos de cultura: a cultura da *rêverie* e a cultura da evacuação. A primeira envolve desenvolver uma capacidade de acolhimento, de deixar ficar, de metabolizar, de devolver o produto da elaboração e, especialmente, de “passar o método”. Esse passar o método se dá por meio da não-saturação do que é devolvido e da permissão de freqüentar a mente do outro. Isso envolve um tipo de troca de experiências e a possibilidade de aprender com o outro, assim como uma criança necessita de uma mãe continente, o paciente necessita de um analista continente.

Na cultura da evacuação, o continente falha, tornando-se fragmentado e transformando-se em um conteúdo invasivo. A pessoa, então, passa a agredir, por não poder conter a própria agressão. Isso acontece quando não há a devida disponibilidade dos pais, professores e cuidadores em geral. Ferro fala da importância de se expandir o continente também como uma função importante da análise.

Comentários Finais

A era da comunicação aproximou-nos muito mais da violência. Além de estarmos sujeitos à violência – doméstica (familiar), violência na sociedade (roubos, assaltos) e violência mais ampla (guerras, terrorismo) –, agora estamos mais em contato com ela pelos meios de comunicação. As notí-

cias que chegavam depois dos acontecimentos agora chegam em tempo real. Isso, por um lado, propicia ao homem uma espécie de consciência da sua própria violência. Por outro lado, como forma de proteção, a sociedade se organiza e tenta negar isso pelo consumo, pela busca desenfreada da felicidade com a aquisição de bens materiais. Para se livrar da consciência da própria agressividade, cria-se uma negação da verdade que também não deixa de ser uma violência.

A psicanálise busca ajudar as pessoas a terem a devida consciência de seu potencial agressivo e a desenvolver uma mente que se comunique em profundidade. Essa foi e é a sua grande contribuição para a humanidade. Como psicanalistas, podemos observar as manifestações da violência dentro de um âmbito restrito – no *setting*, que é o nosso campo de observação da intimidade de uma relação transferencial–contratransferencial.

Mas, também, como profissionais da saúde que somos, podemos pensá-la num âmbito maior, um comprometimento que se faz cada vez mais necessário. Aqui estamos dentro do que podemos chamar de ‘o alcance da psicanálise na sua abrangência comunitária’, saindo de um universo micro para um macrouniverso.

Referências

- BION, W. Uma teoria sobre o processo de pensar. In: _____. **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 101-109.
- FERENCZI, S. O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In: _____. **Obras completas**. v. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 39-53.
- FERRO, A. Cultura da rêverie e cultura da evacuação In: _____. **Fatores de doença, fatores de cura**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- FONAGY, P. **The psychoanalysis of violence**. Dallas: DSPP, 2001. Disponível em: < <http://www.dspp.com/papers/fonagy4.htm>>.
- FREUD, S. (1920) Além do princípio do prazer. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GREEN, A. **El tiempo fragmentado**. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.

KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: _____. **Os progressos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

RIPESI, D. C. La categoria del objeto em Winnicott – Isolamento e agressividade.

In: _____. **Queimar las naves**. Buenos Aires: Letra Viva, 2004.

WINNICOTT, D. Agressão e suas raízes. In: _____. **Privação e delinqüência**.

São Paulo: Martin Fontes, 1995.

Augusta Gerchmann, Heloísa Helena
Poester Fetter, Ivan Sergio Cunha Fetter

Ensaio

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Augusta Gerchmann

Rua João Abott, 319 conj. 505.
90460-150 Porto Alegre – RS – Brasil
Tel/Fax: (51) 3330-1559
E-mail: augustagerchmann@hotmail.com

Heloísa Helena Poester Fetter

Av. Palmeira, 824
90470-180 Porto Alegre – RS – Brasil
Tel/Fax: (51) 3013-4616
E-mail: hpfetter@terra.com.br

Ivan Sergio Cunha Fetter

Av. Taquara, 564/301
90460-210 Porto Alegre – RS – Brasil
Telefone: (51) 3013-4616
E-mail: isfetter.voy@terra.com.br